



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA
BAHIA**

Centro de Cultura Linguagens e Tecnologias Aplicadas

**Bacharelado Interdisciplinar em Cultura Linguagens e
Tecnologias Aplicadas**



WÍVIA ANANDA SOUZA SANTOS LIMA

**TORNAR-SE UNIVERSITÁRIO/A NA MEIA-IDADE:
um olhar através das lentes de gênero e idade/geração**

Santo Amaro da Purificação – BA
2019

**TORNAR-SE UNIVERSITÁRIO/A NA MEIA-IDADE:
Um olhar através das lentes de gênero e idade/geração**

Artigo apresentado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Cultura, Linguagens e Tecnologia Aplicadas.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria de Oliveira Urpia

TORNAR-SE UNIVERSITÁRIO/A NA MEIA-IDADE: UM OLHAR ATRAVÉS DAS LENTES DE GÊNERO E IDADE/GERAÇÃO

Wívia Ananda Souza Santos Lima – wiviasouza@gmail.com – Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

RESUMO

A partir das novas políticas públicas de democratização ao acesso da educação superior, um novo público, diverso, teve a possibilidade de ingressar na universidade, entre eles, mulheres e homens em idade adulta. Diante desse novo cenário, que impõe também novos desafios à universidade e também novas reflexões, reorganizações, esse artigo pretende apresentar uma pesquisa de abordagem qualitativa, que teve como objetivo compreender quais desafios e aprendizagens fazem parte do percurso acadêmico de estudantes de meia-idade, ou seja, de indivíduos que possuem uma série de responsabilidades associadas à adultez. Desde uma perspectiva interseccional, escutamos, através de entrevista compreensiva, dois estudantes, uma mulher e um homem, de modo que nossa análise é recortada não apenas pelo marcador idade/geração, mas também por gênero e suas interseccionalidades. Haja vista que estamos num território com forte presença negra e marcado por uma história de escravização e de exclusões que se fazem ver até hoje, não seria possível uma análise que desconsiderasse a questão de raça e de classe, que interseccionadas a gênero dão tonalidades particulares às experiências dos entrevistados.

Palavras-chave: Universidade, Estudantes de meia-idade, Adultez, Gênero, Geração.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa ocorre no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizado na cidade de Santo Amaro da Purificação - Bahia, e foi realizada com dois estudantes adultos, na meia-idade, uma mulher e um homem, do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (BICULT). A escolha foi feita de forma consciente e com a intenção de identificar aproximações e distâncias em decorrência de compartilharem mais ou menos a mesma idade/geração, mas diferirem quanto a gênero.

Após observar a composição do corpo discente do Centro, pôde-se notar um número significativo de alunos adultos, com idades acima de 40 anos, em contraposição à uma maioria considerada jovem. Esse novo público de meia idade coloca novas questões para a dinâmica da vida universitária e confronta o seu modo de funcionamento. A universidade é um marcador na transição da juventude para a vida adulta, pelo menos sempre foi para sujeitos brancos das camadas sociais médias e alta no Brasil, representa a saída do ensino médio, o distanciamento da família, e antecipa a entrada qualificada no mundo do trabalho. Desde a conquista das ações afirmativas nas universidades públicas do nosso país, essa transição foi estendida, integrando agora jovens negros e de camadas populares, além de pessoas de outras idades.

A concepção geral de adulto que sempre tivemos, é do adulto como ser acabado. A infância e a juventude são apresentadas como fases em que o indivíduo ainda é instável, dependente, e está absorvendo os costumes e ensinamentos da sua cultura, está sendo preparado. Enquanto o adulto é visto como um ser formado. Um fator utilizado para delimitar as fronteiras entre as mudanças de fase no curso de vida é a idade.

A idade, reconheça-se, é, historicamente, um elemento estruturador na organização da relação da vida social, assim como o gênero; e a vivência geracional é parte essencial da dinâmica coletiva que impele a continuidade social, tanto quanto à mudança, ambas as esferas participando fundamente das relações de poder, sempre desiguais na sociedade. (BRITTO DA MOTTA, 2010a, p.173).

Além da idade, gênero e geração também são elementos estruturantes na organização da vida social, e atua posicionando os sujeitos não apenas diferentemente como desigualmente. Por isso, outro aspecto a ser analisado neste âmbito universitário são as relações, considerando diferentes gêneros e gerações. De acordo com Scott (1988), “o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual”.” Para

Scott (1988), gênero é um campo primário no qual se articulam as relações de poder, entre os papéis do homem e da mulher. Já geração, designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social e que têm aproximadamente a mesma idade, motivo pelo qual compartilham algumas experiências, porém não todas, em função justamente do fato de que a idade/geração é recortada ou interseccionada por outros marcadores, como gênero, raça/etnia, religião, etc. (MANNHEIM Apud BRITTO DA MOTTA, 2010a, p. 178).

Desde essa compreensão, - os sujeitos dessa pesquisa são um homem e uma mulher, em idade adulta, nascidos entre as décadas de 60 e 70, que especialmente a partir da entrada na universidade, convivem diariamente com jovens de outra geração, que tiveram outro tipo de educação e acesso à novos meios, a tecnologia, como exemplo. São sujeitos com família constituída, filhos e outras responsabilidades que são atribuídas a uma pessoa de meia-idade¹.

Durante os últimos anos no Brasil, como ocorreu muito antes na França, passou-se por um processo de massificação [...] e alguns identificam esse processo como democratização. (COULON, 2017). Isso foi possível graças a políticas públicas que visaram viabilizar o acesso ao ensino superior a uma parcela da população jovem e adulta brasileira antes excluída das universidades em função de vários fatores. Diante disso, a universidade passou a contemplar um público novo, mais diversificado, diferente do ensino das décadas anteriores quando os estudantes tinham praticamente o mesmo perfil. As universidades eram estabelecimentos vocacionados para a reprodução de quadros da elite nacional, em geral cultivando um *ethos* e uma mística institucional, abrigavam menos de 100 mil estudantes, com predominância quase absoluta do sexo masculino (MARTINS, 2000).

A partir dessas políticas que visavam a democratização da educação superior, hoje nos centros de ensino público há um público diverso, em relação a gênero, classe social, raça/etnia e idade. Muitas pessoas que antes não tiveram a oportunidade de ingressar em uma instituição de ensino superior, hoje tornam isso realidade, como é o caso de dos participantes dessa pesquisa.

Essa pesquisa busca compreender como se configuram os processos de afiliação de adultos – especificamente esses de meia-idade, à universidade, e quais são os desafios que enfrentam e os aprendizados que fazem no processo de tornar-se universitário/a. Importante dizer que para tornar-se universitário é preciso mais que conseguir uma boa nota no ENEM ou alcançar a nota

¹ A classificação etária proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), considera na meia-idade pessoas com 45 a 59 anos. (Antunes, P. de C. & Silva, A.M. 2013, p. 126)

de corte, é necessário um conjunto de aprendizados que se faz no caminho, e ao lado de seus pares e professores, nem sempre pessoas de sua idade/geração. Acredito que é importante conhecer a história dessas pessoas, saber o que as motivou a continuar estudando, como superaram os desafios e o que aprenderam nesse percurso.

2. CURSO DE VIDA, VIDA ADULTA E MEIA IDADE

Em nossa sociedade, a periodização da vida se organiza em torno de quatro estágios principais (infância, juventude, idade adulta e velhice), é uma forma de garantir determinada organização e controle social (ANTUNES; SILVA, 2013). O principal instrumento utilizado por diferentes sociedades como marcador das fases da vida humana é a idade do indivíduo. A idade de uma pessoa equivale ao seu tempo de vida na Terra, desde o seu nascimento até o a sua morte. “A idade cronológica, que mensura a passagem do tempo decorrido em dias, meses e anos desde o nascimento, é um dos meios mais usuais e simples de se obter informações sobre uma pessoa”. (SCHINEIDER; IRIGARAY, 2008, p.589)

Idade expressa em número de anos é, também, unidade classificatória – administrativa perante as leis – de pessoas e grupos demográficos – os “jovens”, os “velhos”, que em princípio não constituem grupos sociais propriamente ditos, a não ser quando, como unidades geracionais (BRITTO DA MOTTA 2006, p.58)

A esses quatro estágios – infância, juventude, idade adulta e velhice, considerados principais no curso de vida, foram atribuídos comportamentos e níveis de participação social distintos. Crianças, jovens, adultos e idosos têm diferentes representações na sociedade. A idade cronológica é um dos principais instrumentos de regulação social, a partir do momento em que são criadas nomenclaturas e comportamentos considerados padrões para cada fase da vida do indivíduo. Idade como um conjunto mais ou menos heterogêneo que comportando práticas discursivas e/ou não discursivas de objetivação, através de controle, normatização e regulação das subjetividades (POCAHY, 2011). “Idade é um fator mais simbólico do que natural, como definição cultural, é a consideração de uma certa representação corporal e ideacional referida à passagem do tempo, que se convencionou a regular a participação social”. (BRITTO DA MOTTA, 2006). Entretanto, não se pode ignorar os fatores biológicos, pois eles também são utilizados como marcadores na conceituação e caracterização de cada fase.

Nesse sentido é que se observa, nas sociedades ocidentais, que a juventude se tornou uma idade idealizada e desejada, sinônimo de beleza, força e participação. Essa imagem do jovem

questionador, transgressor ou revolucionário se mantém e ganha força e realidade em torno dos anos 1960, ao mesmo tempo corporificada e representada pelo “jovem rebelde”. (BRITTO DA MOTTA, 2013, p. 7). Para Debert (1997, p.120) a transformação da juventude em um bem, um valor que pode ser conquistado em qualquer etapa da vida, através da adoção de formas, costumes e estilos adequados tem consequências não apenas para os sujeitos dessa idade/fase da vida, mas também para adultos e velhos.

De todas as fases do ciclo de vida, a fase adulta é a que mais remete à ideia de estabilidade, tanto física, quanto financeira ou emocional, uma realidade, no entanto, que já não se observa como em outros tempos. O adulto, antes visto como um ser completo, construído e acabado, agora revela-se em constante mudança, sendo requisitado por um mundo do trabalho em constante mudança, assim como por uma busca de realização. A fase adulta, que por muito tempo foi concebida como não marcada por “novidades”, vem então mostrando-se dinâmica e questionando a ideia de estabilidade que por muito tempo esteve a ela associada (OLIVEIRA, 2004). De qualquer modo,

quando se pretende realizar uma pesquisa acerca das práticas e representações sociais sobre o que é “ser adulto”, encontra-se de imediato, uma lacuna investigação social em relação a esta fase de vida. Isto porque, com alguma facilidade se encontra uma extensa bibliografia sobre questões ligadas à infância, à adolescência, à juventude e ao idoso; o mesmo não se passa quando se pretende trabalhar em torno do conceito de adulto. (SOUSA, 2007, p. 57).

Sousa (2007) utiliza termos como “adultez” para estudos sobre a fase da vida adulta, e critica a limitação de bibliografias ligadas a essa fase. De acordo com Bouninet (2000 apud SOUSA, 2007), a vida adulta é vista como uma idade referência, uma idade sem problemas, e que falar sobre esta fase “pode parecer aparentemente banal”, essa seria a justificativa para a existência de poucas literaturas acerca da adultez.

Segundo Antunes e Silva (2013), em pesquisas que enfocam esses momentos da vida, é possível “evidenciar uma tendência à homogeneização de comportamentos, condições e necessidades das pessoas adultas, ou entendimentos mais simplistas”. Para Oliveira (2004), é claramente inadequada a afirmação, mesmo generalizada, de que na vida adulta não há mudanças.

Na medida em que os adultos, tipicamente, trabalham, constituem famílias, se relacionam amorosamente, aprendem em diferentes dimensões da vida, educam seus filhos, têm projetos individuais e coletivos. Todas essas características trazem, em si, potencial para profundas transformações. (OLIVEIRA, 2004, p. 217).

Por se tratar da fase mais extensa do ciclo de vida, podendo abranger cerca de 35 anos de vida. Foram criadas subcategorias, ou subclasses a fim de caracterizar períodos dentro desta única fase. Termos como jovem-adulto, adulto-adulto, meia-idade. Este último, um conceito que diz de um momento de vida mais específico dentro do intervalo chamado idade adulta, que progressivamente aproxima os sujeitos das imagens, muitas vezes negativadas, da velhice. A meia-idade estaria localizada, com variações que estão estreitamente relacionadas às condições de vida, entre os 45 anos de idade e os 59, um pouco antes do marco etário da velhice.

3. A UNIVERSIDADE AFIRMATIVA E A AFILIAÇÃO DO/A ESTUDANTE ADULTO

O ambiente acadêmico geralmente é um frequentado por pessoas mais jovens, egressos do ensino médio, durante muito tempo brancas e de classe média e alta. Mas esse cenário tem mudado, graças a estudiosos ativistas, atores sociais em geral ligados aos movimentos sociais, sobretudo o movimento negro, e a ações efetivas na direção de políticas públicas de democratização do ensino superior no Brasil. Tudo isso contribuiu para que hoje seja possível ver uma diversidade de estudantes em nossas universidades públicas. Martins (2000) conta que houve bruscas mudanças no ensino superior brasileiro, quando o ensino dos anos 90 se distancia amplamente do que era apresentado a cerca de 30 anos atrás. Entre elas o aumento no número de estudantes, o acesso à uma camada da população jovem antes excluída – a pobre e negra – a abertura de novas áreas de conhecimento.

Podemos dizer que, desde a última década dos anos 2000 esse público diversificado vem crescendo e ganhando crescente espaço tanto nas universidades públicas quanto privadas, graças às políticas de democratização do ensino superior. Parte deste crescimento deve-se, como observa Coulon (2017), a Programas de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), caracterizado pela:

adoção de cotas étnicas e raciais e de cotas para jovens egressos do ensino médio público; Implantação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) [...] Expansão em nível nacional, o Sistema de Seleção Unificada (Sisu); Multiplicação, no interior do país e não apenas nas grandes capitais regionais, de instituições que oferecem formação superior, seja mediante a criação de novas universidades, seja pela criação de novos campi de instituições já existentes. (COULON, 2017. p. 1242).

No âmbito do ensino superior privado, destacam-se programas de Financiamento Estudantil, como o FIES, e o PROUNI – Programa Universidade para todos, os quais foram criados com o objetivo de ofertar bolsas de estudos parciais e integrais, com o intuito de dar acesso à estudantes de baixa renda ao ensino superior privado. Graças à implementação desses programas, nota-se um ambiente universitário muito mais heterogêneo. (COULON, 2017)

Assim, novos públicos chegaram a universidade com níveis muito heterogêneos, com origens sociais extremamente diferentes do que se tinha habitualmente. Nem sempre esses estudantes tinham o nível requisitado e um certo número de hábitos culturais e sociais que não lhes facilitavam a entrada nesse meio universitário. Atualmente, esses fenômenos ainda persistem. (COULON, 2017. p. 1241).

De acordo com Coulon (2017, p. 1239) “a democratização do ensino é incontestável, mas não se pode dizer o mesmo sobre a democratização do acesso ao saber, marcado, ao contrário, pela desigualdade”. Ou seja, somente o acesso não garante a permanência e o sucesso dos estudantes na universidade. Pensando na realidade francesa o autor afirma que o problema hoje não é mais entrar mais permanecer. No Brasil embora tenha havido uma significativa entrada de novos estudantes à universidade, pode-se dizer ainda que o problema da entrada ainda não foi amplamente superado, mas que foi somado a esse o problema de permanecer, uma tarefa árdua, ao menos para parte dos estudantes, considerando as desigualdades na educação básica brasileira. As dificuldades são grandes, principalmente para os novos estudantes, em geral negros, oriundos de escolas públicas e de classe social popular. O primeiro ano na universidade é o mais difícil, marcado pela transição do ensino médio para superior, onde os índices de abandono e taxas de fracasso são maiores (COULON, 2008).

A primeira tarefa que um estudante deve realizar quando ele chega à universidade é aprender o ofício de estudante [...] Este é, precisamente, o principal problema que encontram os estudantes - “manter-se”, por vários anos na universidade, especialmente além do primeiro ano, onde se dá na França, um conhecido fracasso. (COULON, 2008. p.31)

De acordo com Alain Coulon (2008, p.31), “aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto-eliminar-se porque continuou como estrangeiro nesse novo mundo”. Desta maneira, não permanecendo um sujeito estranho à esse novo mundo, compreendendo e incorporando sua estrutura. Com base em sua pesquisa com alunos de Paris 8 na França, Alain considerou que o estudante passa por três fases antes de afiliar-se, ou seja, tornar-se um membro pertencente à universidade, são elas:

estranhamento, aprendizado e afiliação. Coulon (2008) acredita que é necessário passar por esses três tempos para se obter sucesso na vida universitária, ele atribui esse sucesso a “naturalização e incorporação das práticas e modos de funcionamento correntes na universidade que antes não faziam parte dos hábitos dos novos estudantes” (COULON, 2008, p.261). A questão é que a naturalização dessas práticas, que já é demandante para estudantes jovens, torna-se, não raro, ainda mais difícil para os adultos, que precisam conciliar a vida universitária com o trabalho e as responsabilidades familiares.

4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa realizada é de abordagem qualitativa, já que pauta seus estudos na compreensão dos significados que os atores sociais dão às suas experiências, preocupando-se em dar foco à subjetividade humana em seu processo de interpretar a realidade, conferindo-lhes um sentido próprio e contextualizado. A pesquisa conta com a participação de dois estudantes voluntários, com os quais realizamos entrevistas no modelo compreensivo.

4.1 O dispositivo de produção de dados: Entrevista Compreensiva

A fim de considerar a singularidade de cada estudante e as particularidades de suas experiências no contexto universitário, o dispositivo de produção de dados utilizado foi a entrevista compreensiva com dois estudantes do Bicult, um homem e uma mulher em idade adulta, mais especificamente, na chamada meia-idade, que ingressaram na universidade casados, com filhos e envolvidos em atividades de trabalho. A entrevista compreensiva tem como objetivo aprofundar a troca entre entrevistador e entrevistado o máximo possível, (KAUFMANN, 1996). Nesse tipo de entrevista deve-se evitar o uso de questões no estilo de questionários, aquelas que provocam respostas sintéticas, às vezes do tipo sim ou não, pois não estimulam a oralidade – fonte valiosa para uma pesquisa de abordagem qualitativa.

Os principais marcadores de diferenças utilizados para elaboração do roteiro e para a análise foram idade/geração e gênero, Embora classe e raça não sejam o foco central da análise, nota-se a sua presença também, visto que não é possível falar de sujeitos reais corporificados e contextualizados socialmente sem tocar nessas dimensões da vida relacional, especialmente em realidades como a brasileira, e particularmente em contextos como o Recôncavo da Bahia. Em

contextos como o Recôncavo é imprescindível, ao trabalhar com a categoria idade/geração ou gênero, fazer uma análise interseccional, de modo a não negligenciar a questão do pertencimento étnico-racial dos atores sociais. Podemos entender como interseccionalidade:

as formas como diferentes marcadores sociais de diferença como gênero, sexualidade, idade/ geração, “raça”, classe social e corporalidades interagem, contextual e conjunturalmente, de modo a promover potenciais cenários de desigualdades sociais e hierarquizações (HENNING, 2015 p. 100)

As entrevistas foram gravadas, depois ouvidas e transcritas integralmente. Após análise das narrativas, foram criadas categorias temáticas amplas com os assuntos mais recorrentes, das quais se destacam: a conciliação entre vida acadêmica e vida familiar; o deslocamento para estudar na Universidade; a sociabilidade no interior da universidade: os aprendizados, inclusive aqueles ligados à afirmação étnico-racial.

4.2 Os atores sociais da pesquisa

Filomena é uma mulher de 49 anos, separada a cerca de um ano e meio, tem uma filha de 21 anos, reside num distrito de Feira de Santana – BA. Atualmente, ela está desempregada, mas seu último emprego foi como merendeira em uma escola estadual do distrito onde mora. Concluiu o ensino médio em 1991, junto com o curso de magistério, lecionou durante 10 anos em uma creche, depois trabalhou como monitora do PETI – Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil. Em 2008, chegou ao fim seu contrato com o PETI, Filomena viu-se sem possibilidade de voltar a lecionar, pois o governo passou a exigir o diploma de curso superior, e ela não tinha. Filomena ingressou na UFRB em uma das primeiras turmas do Bicult com objetivo de futuramente conseguir um emprego melhor.

José é um homem de 54 anos, casado, tem dois filhos: um menino de 17 anos e uma menina de 14, residente de um distrito de Santo Amaro da Purificação – BA. José cultiva há muitos anos o ofício de agricultor e sempre dedicou grande parte do seu tempo ao trabalho, que começou desde muito cedo. Concluiu o ensino médio em 1998, por meio de supletivos, já que por conta do trabalho não podia frequentar a escola regular. José sempre se considerou um sujeito inquieto e questionador, a sua curiosidade e busca pelo saber foram motivadores de seu ingresso na universidade. José queria entender por que a partir dos anos 2000, o distrito que residia e as manifestações culturais ali presentes, passaram a despertar o interesse de estudantes e centros universitários, pois a partir desse novo público, pessoas da comunidade passaram a formar

grupos, se reestruturar e cobrar por apresentações que ele considera que antes aconteciam de maneira espontânea. Ele que costuma dizer: *“Eu sou lavrador e estou estudante”*, também ingressou em uma das primeiras turmas do Bicult.

Ambos os estudantes entrevistados, priorizaram o trabalho durante a juventude, principalmente pela necessidade. Vindos de camada popular, sempre precisaram trabalhar. Priorizar o estudo não foi uma alternativa para eles, ainda mais após constituir família.

5. DESAFIOS E APRENDIZADOS DO TORNAR-SE UNIVERSITÁRIO/A NA MEIA-IDADE

As discussões apresentadas a seguir são fruto do estudo de caso com os dois estudantes apresentados na seção anterior. Após as entrevistas, foi possível perceber algumas aproximações entre os casos, assim como particularidades ligadas ao processo de afiliação à universidade no que diz respeito aos desafios e aprendizados de tornar-se um estudante universitário na idade adulta, mais especificamente, na chamada meia-idade.

5.1 Entre vida acadêmica e vida familiar

Por se tratar de indivíduos em idade adulta com famílias constituídas, filhos, trabalho e outras responsabilidades que são atribuídas a essa instituição social, a principal dificuldade foi conciliar a vida universitária com a vida familiar. Como cita Uripia (2008), é preciso estar atento para o fato de que tanto a parentalidade como a universidade são instituições exigentes e exclusivistas, e têm muita dificuldade de dividir atenção com qualquer outra instituição. Por isso mesmo, para ambos, Filomena e José, no princípio, era quase impossível destinar um tempo para as atividades da academia, e distanciar-se da rotina e dos afazeres e responsabilidades da vida familiar. Durante o relato, ambos destacam que problemas financeiros associados à adição de uma nova despesa – à exemplo dos gastos com transporte -, sendo que antes da universidade a prioridade era a manutenção da casa e alimentação. Os custos com a universidade pesam sobre o orçamento e a vida familiar, constituindo-se em desafio à permanência.

Isso é notável no relato de Filomena descrito a seguir:

A maior dificuldade é que eu ganhava pouco demais e pra pagar a passagem de ida e volta pra Santo Amaro, não podia pagar “meia” por ser ônibus intermunicipal e aí esse direito eu não consegui[...]. Então, a maior dificuldade era o dinheiro, que na época o salário não saía certo no mês, tinha vez que atrasava, ficava três, quatro meses sem

receber. A minha maior preocupação era como pagar, como me manter na universidade, e como pagar as contas. (FILOMENA, 49 anos).

Com o marido desempregado, fazendo “bicos”, e a filha adolescente – trabalhando como jovem aprendiz, Filomena era a maior responsável pelo sustento da família e tentava ao máximo “esticar” o salário mínimo que recebia na função de merendeira. Tentou uma bolsa para auxiliar nas despesas, mas não conseguiu por conta do vínculo empregatício. Após o primeiro ano de estudo, ficou desempregada, e como alternativa concorreu a bolsa de modalidade auxílio-transporte e conseguiu, no valor de 250 reais, o que lhe ajudou, mas não foi suficiente, o que a fez recorrer também aos lucros decorrentes da venda de cosméticos, e à ajuda de familiares que passaram a contribuir para sua renda.

Quando eu ingressei logo, eu tentei conseguir uma bolsa porque o dinheiro era pouco, o salário era mínimo e tinha que comprar alimentação, manutenção da casa, pagar as passagens, merendar e o dinheiro era pouco. Ficou apertado, então eu também tive vontade de desistir porque o dinheiro não dava pra pagar [...] Mas só que minha filha começou a trabalhar como menor aprendiz e me ajudava, minha mãe também me ajudava com as passagens, alguns irmãos, e eu vendia dali e de acolá, vendia produtos da Avon, fazia até faxina na casa de minha irmã pra ajudar a pagar as passagens. (FILOMENA, 49 anos).

José, o outro estudante participante da pesquisa, também relata em seu depoimento o fator financeiro como um desafio, que o fez até mesmo pensar em desistência.

Passei por momentos muito difíceis, principalmente financeiros antes de receber a bolsa quilombola, que foi de grande valia, pois a minha esposa trabalhava com serviços prestados, mas houve momentos em que ela ficou desempregada, pois ela dava aula, mas não era concursada, e por um período, ela não conseguiu assinar outro contrato para prestar serviço, e isso me deixou muito preocupado, querendo desistir. (JOSÉ, 54 anos).

Por se distanciar mais do trabalho na roça, para se dedicar às atividades da universidade, José temia não conseguir pagar as contas. Como passou a destinar parte do seu tempo para realização de atividades como projetos de pesquisa e extensão, acabou se afastando da “lida”, como ele mesmo afirma. O trabalho na roça já é sazonal, em algumas épocas os rendimentos são maiores, enquanto em outras nem tanto – nessas ocasiões, ele tem que recorrer à pesca para ajudar financeiramente. Assim, durante o tempo que a esposa ficou desempregada e as coisas “apertaram”, sentiu que o mais “indicado”, palavras suas, seria desistir da universidade, já que a família era prioridade.

[...]e também parar de ir pra roça, aí começou a perder as plantações né, a bananeira ficar dentro do mato. Eu, por vezes que fui para atividades fora do centro: uma em Cachoeira no sábado, no outro dia, domingo, [quando] eu fui

ver, a minha bananeira tinha queimado, não pude limpar e perdi uma parte do bananal. Outro dia, eu fui pra uma atividade em Salvador, aí nesse dia perdeu [perdi] o canavial, e tudo são perdas, né, então, eu pensei em desistir várias vezes. (JOSÉ, 54 anos).

Questionada sobre o posicionamento dos familiares e pessoas conhecidas sobre a situação, Filomena conta que no início todos ficaram felizes pelo fato dela ter conseguido a bolsa, mas com o decorrer do tempo, e diante dos problemas que foram surgindo, alguns a apoiavam, mas muitos insistiram para que ela desistisse, funcionando como mais um elemento a contribuir para uma possível evasão: *“Ah, se você fosse fazer aqui na sua cidade, bem, mas lá em outra cidade e um curso novo que ninguém nem conhece, que não tem nem estágio, se eu fosse você eu não ia não”*. O desgaste era grande, sendo ela a maior responsável pela manutenção da casa, compras, limpeza e alimentação.

Eu me mantinha com a ajuda da minha filha e, da minha mãe, porque meu marido estava desempregado e também acho que ele não gostou muito d’eu fazer esse curso, porque os maridos querem que as mulheres estejam em casa, trabalhando, servindo, e todo dia eu tinha que sair. E acho até que o ingresso na universidade contribuiu para a minha separação, que hoje ele não se encontra mais em casa. (FILOMENA, 49 anos).

Já José, comenta que assim como Filomena, recebeu apoio e também críticas— principalmente por ser um trabalhador rural, muitos duvidaram da sua capacidade, por diversas vezes, ele ouviu: *“Ah, vai estudar é?”*, com desdém. Mas a sua esposa e seus dois filhos sempre o apoiaram. Sua esposa sempre o incentivou a voltar aos estudos, inclusive, foi ela quem efetuou sua inscrição no Enem e, posteriormente, no SisU.

Minha esposa sempre me incentivou a voltar a estudar, e ela sabe que eu deveria...pela questão de eu sempre estar querendo informações, [...] mas eu sempre achei que não tinha... não daria resultado, eu sempre achei que eu não conseguiria [...]. Ela dizia: “então você entre na universidade pra ver o que tem lá, você só daqui perguntando o que esse povo vem tanto fazer aqui, você tem que ir lá na universidade entender”. Assim também ela foi muito resistente em dizer: “não, você não vai desistir, você vai continuar”, então eu vinha por obrigação como se fosse um filho sendo mandado pela mãe. (JOSÉ, 54 anos).

Segundo José, sua esposa, talvez justamente por ser uma mulher, tomou conta de todas as obrigações, auxiliava na roça, realizava as atividades de casa e cuidava das crianças, além de trabalhar quando havia contratos. Tanto que ele atribui essa conquista a ela. *“No início foi muito difícil, mas minha esposa começou a facilitar, quando ela percebia que eu estava com dificuldade, sendo de fundamental importância.”*

Fazendo umas atividades que era eu que fazia, como levar os meninos na escola, ela falava: “Deixe aí que eu levo os meninos na escola”, a minha esposa foi o esteio da minha vida [...]. Às vezes eu queria ir para a roça, ela me perguntava se eu não tinha nenhuma atividade para fazer, falava para eu deixar para ir depois que fizesse o trabalho. (JOSÉ, 54 anos).

Comparando essas duas situações, podemos perceber claramente como os papéis dominantes de gênero refletem-se nos conflitos e nas possibilidades de resolução encontradas pelos estudantes no interior da vida familiar. No contexto das representações dominantes de gênero, as mulheres têm que cumprir com atividades de mãe e esposa, enquanto o homem tem maior liberdade e suporte das mulheres. Para os homens, o suporte é, em geral, garantido, ainda que isso possa implicar em sofrimento psíquico, como foi o caso de José, também em face das representações dominantes de gênero ligadas ao papel destes na família, em geral associada à função de provedores. Para Filomena foi muito difícil se dividir entre a mulher dona de casa e a estudante universitária, muitas vezes se sentia culpada por não estar tão presente na rotina familiar, e não é só isso, no processo, vive uma perda em sua relação conjugal. As mulheres, em função das demandas que decorrem de sua situação num mundo social sexista, parecem correr o risco de ter que abrir mão de sua relação, quando escolhem viver a universidade na meia-idade. Questionada sobre a divisão das tarefas domésticas, ela diz:

“As atividades domésticas... Eu e minha filha. Quando o marido estava em casa, também varria uma vez ou outra, fazia a comida, mas eu deixava já pré-pronta. A maior parte, maior, era a minha, a de limpar, de faxinar, de temperar a carne e fazer as compras.” (FILOMENA, 49 anos).

José pôde contar com total apoio da esposa, mesmo se sentindo em falta com suas obrigações, mas tinha certeza de que sua esposa cuidaria bem de tudo.

De fato, gênero organiza e legitima não apenas a divisão sexual do trabalho e a construção de papéis sociais correspondentes, mas também a divisão sexual de direitos e responsabilidades, o acesso e controle sexualmente diferenciado a oportunidades de trabalho, bem como a instrumentos e meios de produção, recursos e fontes de renda e de crédito, capital, conhecimento, educação, instâncias decisórias, etc. (SARDENBERG & MACEDO 2011, p.4)

Isso se deve ao fato de que, desde muito cedo as meninas são estimuladas a brincarem de casinha, a realizarem tarefas domésticas (SARDENBERG & MACEDO, 2011), enquanto os meninos brincam livremente fora das redomas de uma casa, muitas vezes desobrigados de colaborar com as tarefas da domesticidade. Logo, é mais difícil para uma mulher sair de casa sem sentir o peso de que está fazendo algo errado, enquanto ao homem nunca foi negada tal

liberdade, já que eles desempenham “seu papel” trabalhando fora de casa. Para estes o que pesa é, em geral, não poder contribuir com os custos da vida familiar, através de seu trabalho fora do ambiente doméstico.

5.2 Sobre o direito de ir e vir: o deslocamento para estudar na Universidade

Outro desafio apontado por ambos, foi o deslocamento, já que o Centro onde estudam fica localizado na cidade de Santo Amaro. Filomena tem residência em um distrito na cidade de Feira de Santana. José em um distrito de Santo Amaro.

Eu saía daqui de Feira de Santana 17:00 horas, pegava o ônibus, depois de trabalhar 8 horas por dia, saía do trabalho correndo pra arrumar as coisas pra pegar o ônibus e ir pra Santo Amaro. Depois, quando chegava lá - levava mais ou menos uma hora e meia pra chegar lá, chegava super cansada, com sono, desanimada, só pelo cansaço da viagem. Aí quando voltava tinha que acordar no outro dia bem cedo pra pegar o ônibus de 5:30 ou então de 6:00, porque eu trabalhava de manhã e não podia faltar no trabalho. (FILOMENA, 49 anos).

Para Filomena, a distância foi um dos motivos que a fez pensar em desistir, O último ônibus para sua cidade saía de Santo Amaro às 18:00, justamente no horário em que ela chegava no Cecult e que começavam as aulas, sendo obrigada a dormir em Santo Amaro e só retornar para Feira no dia seguinte.

Apesar de morar mais próximo ao Centro, o deslocamento para José também não foi tão fácil, principalmente pelo fato de só poder estudar à noite. Segundo o próprio:

Teve problemas de transporte, porque eu só posso vir a noite porque eu trabalho na roça e a roça é durante o dia, vendo o caldo de cana, banana durante o dia e eu não tinha transporte para voltar e por várias vezes eu fui para casa andando. E eu acho que os professores ficaram sabendo e falaram com os vigilantes que facilitassem o meu pernoite na escola do centro, dormi diversas vezes na escola do centro. (JOSÉ, 54 anos).

Segundo José, a questão do transporte foi muito difícil para ele, à noite não tem ônibus saindo de Santo Amaro para o distrito onde reside, para voltar para casa teria que alugar um carro, mas ele não tinha condição. Mudar de turno não era uma alternativa, pois não podia abandonar a roça e perder as plantações que exigem cuidados. Depois, passou a ter o transporte municipal, o ônibus escolar “amarelinho”, mas só transitava durante o período que tinham as aulas da rede municipal, e nem sempre o calendário das aulas do município coincidiam o da UFRB, e quando isso não ocorria, o único jeito era dormir no Cecult.

5.3 A sociabilidade no interior da Universidade: a questão da idade/geração

Outro aspecto importante narrado pelos estudantes foi a relação com os colegas de turma, que em sua maioria são jovens de 18 a 25 anos. José relata que para ele foi um grande impacto na primeira semana de aula – semana de acolhimento, perceber que todos que estavam ali eram mais jovens do que ele.

Primeiro, quando eu cheguei na universidade eu tomei um choque pelo grande número de pessoas mais jovens que eu, foi um impacto. Na semana de acolhimento a pessoa que eu tive mais contato era mais novo do que eu, depois chegaram os veteranos e eu vi que também eram mais jovens do que eu [risos].

Em outro momento, José cita que durante as primeiras semanas encontrou dificuldades em se relacionar com a turma, os alunos mais jovens logo encontraram seus grupinhos. Como ele tinha que sair mais cedo para pegar o ônibus escolar, tinha menos tempo ainda de conhecer seus novos colegas e construir com eles uma rede de sociabilidade que inclusive pudesse lhe dar mais chances de permanência na universidade.

Eu me lembro, que é muito marcante pra mim, que no primeiro trabalho de pesquisa que era em equipe, o professor mandou escolher quem eram as equipes no começo da aula, e [pediu que] no final dessem os nomes, aí o pessoal foi formando as suas equipes e eu via que ninguém me procurava e todo mundo que eu procurei já estava em alguma equipe formada.

Filomena em seu depoimento também faz menção a uma situação como essa, e acredita que sempre “sobrava” nos grupos, pelo fato de ser mais velha e vista como menos capacitada, o que julga ter sido deduzido de sua idade mais avançada.

[...] eu percebia que os alunos com o passar do tempo - quando era trabalho em grupo, selecionavam as pessoas mais novas, ficava aquele grupinho. Eu tinha dificuldade de entrar em grupos, formavam os grupos, aí eu ficava: “Posso entrar nesse grupo aí...posso entrar nesse?”, “Está completo”, respondiam, e as vezes eu entrava no grupo que sobrava, que restava. Porque eu acho que eles achavam que pelo fato de ser mais velha, eu não ia dar conta dos trabalhos, eles percebiam assim que as pessoas mais novas eram mais “capacitadas”, então pra tirar notas boas faziam aqueles grupos fechados, com aquelas pessoas que eles achavam que tinha mais... capacidade.

Certamente, por pertencerem à uma mesma geração, os demais alunos se aproximaram de imediato de colegas com idades em comum, uma discriminação que talvez não se desse de forma consciente, mas que acontecia e era sentida por Filomena, uma espécie de etarismo, como diria Alda Britto da Motta (2010b). “Geração pode ser entendida como “um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época social, têm aproximadamente a mesma idade e

compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal”. (Ibidem, p. 229), Logo, é comum que em um primeiro momento as pessoas busquem seus semelhantes para se agruparem. Para os alunos mais jovens foi mais fácil encontrar colegas com a mesmo estilo de vida, gostos musicais similares e afins. Filomena e José não encontraram um colega de imediato, mas com o decorrer do tempo foram percebendo interesses comuns, principalmente em áreas de estudo, com esses mesmos estudantes mais jovens. Com o decorrer dos semestres, ambos foram se enturmado, os colegas já os procuravam para formar grupos, ofereciam ajuda onde eles tinham dificuldades e cada um encontrou a sua turma.

Para Filomena, a sua idade foi algo que não passou despercebido, principalmente depois que sua filha ingressou no mesmo Centro no ano seguinte. A todo momento, durante sua interação com a turma e com os professores, ela sentia uma certa diferenciação, principalmente na forma de tratamento.

No primeiro momento todo mundo me recebeu bem, é...ninguém se conhecia ainda, estava num período de conhecimento, aí tudo era bom, tudo era novo, mas depois quando minha filha entrou, eu já percebi que porque eu tinha uma filha que tinha ingressado o povo já me via como uma mulher mais velha. Aí já queriam me chamar de tia, de senhora, alguns professores, os vigilantes e eu me sentia constrangida, porque eu estava lá na universidade, mas eu não era tia de ninguém, eu era colega.

José não demonstrava incômodo ao ser chamado por todos de “Seu José”, enquanto que para Filomena ser chamada de tia ou senhora não era algo bom, até de certo modo constrangedor. Certamente, este incômodo está diretamente ligado com o fato de que vivemos em uma sociedade que valoriza a juventude, onde a estética e a “boa imagem” são a representação de atividade, de vida saudável. “Nos países europeus não se vê um esforço de mulheres de 40 anos querendo parecer ter 30 (...) No Brasil, sim” (VEJA, 2001, P.84 Apud ANTUNES & SILVA 2013, P.135). Aqui, gênero se entrelaça a idade/geração (ainda que não apenas), e parece então haver uma exigência de juventude que é subjetivamente assimilada pela própria Filomena, que não se sente à vontade com o fato de ser nomeada de “tia”, num lugar que historicamente foi ocupado pela população jovem, branca, de classes média e alta. De acordo com Guita Debert (1994), alguns autores acreditam que durante a velhice, as mulheres experimentariam uma dupla vulnerabilidade, a discriminação por ser mulher, quanto por ser idosa. Isso parece ser vivido por Filomena, o que já não ocorre com José, pelo menos não tão fortemente. Logo, à medida que uma mulher envelhece tem uma menor participação social e uma sensação de que perdeu espaço. Ainda segundo Britto da Motta (2010a), “A sociedade, a par de ter-se desenvolvido tendo idade (e o sexo/gênero) como critério fundamental de interação social (...)

foi construindo, ao mesmo tempo, discriminação, marginalização e exclusão igualmente baseadas na idade.”

Já José sentiu incômodo em outro momento, o qual ele relaciona diretamente com o fato de ser mais velho que os demais. Para ele, a turma se incomodava com os seus questionamentos e consideravam excessivos.

Quando começou as aulas, eu então percebi que tinha muitas dificuldades e sempre procurava saber, tentar tirar as muitas dúvidas, que surgiam a todo momento. Eu sempre estava perguntando e percebia que incomodava, que as pessoas me achavam um cara chato, e todas as vezes que eu perguntava algo que eu não sabia, percebia que alguns diziam: “Ih e já vem”, a turma se sentia incomodada, fazendo caras e bocas, e eu me sentia constrangido, risos burburinhos, no começo tinha muito isso.

Ambos consideram como impactante a carga de leituras, a interpretação e entendimento dos textos científicos, a não familiaridade com resumos, artigos, resenhas e outros modelos de trabalho acadêmico. Fazer citações e referências, cumprir as normas da ABNT e se adequar aos padrões das exigências da escrita acadêmica da universidade. Tanto José como Filomena, apontaram isso como uma dificuldade, que os fez pensar em desistir e, em alguns momentos, acreditar que aquele lugar não era para eles.

5.4 Muito além das tecnologias e da escrita acadêmica, a afirmação de sua história

Outro aspecto que fazia ambos se sentirem diferentes dos demais alunos era a não habilidade com uso de tecnologias, principalmente em um curso em que em sua nomenclatura o termo “Tecnologias” já está presente. José e Filomena são de uma época em que todas as atividades eram entregues e feitas à mão, o uso de computadores não era algo recorrente, principalmente por habitarem em zona rural, onde computador pessoal e a internet demoraram um pouco mais para chegar. E quando chegou, foi mais assimilada por pessoas que trabalhavam na área administrativa e, mais tarde, por crianças e adolescentes da época, que utilizavam como lazer. Então, ambos apresentaram dificuldades em digitar, formatar, mandar e-mails, e até mesmo no manuseio dos computadores durante aulas no laboratório de informática.

Diante de todas as dificuldades citadas, Filomena e José tentavam de toda maneira superá-las. Cada um entrou na universidade por uma motivação distinta, Filomena buscava mais conhecimento e maior qualificação para ingressar no mercado de trabalho, José queria entender

as novas configurações de grupos culturais no seu distrito e as recorrentes visitas de instituições de ensino superior em épocas de festas populares. Mas durante o processo de filiação à universidade, cada um adquiriu novos conhecimentos, bem além do que esperavam, e construíram também um “jeito” de driblar os obstáculos, tornando possível dar continuidade aos estudos.

Um exemplo disso, é quando José diz que a princípio contou a ajuda dos filhos, esposa e alguns colegas, mas depois de um tempo ele próprio apresentou incômodo pela deficiência em informática e começou a tentar, foi participando de oficinas ofertadas pelo Cecult e com a ajuda de colegas, começou a familiarizar-se com os editores de texto e suas ferramentas. Segundo o mesmo, agilizou muito seu processo de criação, “Eu vi que o Word até me ajudava né, na ortografia de uma palavra, antes eu tinha que olhar no dicionário quando tinha dúvida, hoje o editor sinaliza logo.” Filomena também sinaliza esse avanço, antes ela não sabia sequer ligar ou desligar um computador, mas no último ano foi aprovada no componente Design de Interface com média 9,8.

Sobre os textos, que eram quase impossíveis de serem compreendidos, José destaca que os projetos de pesquisa e extensão foram fundamentais para que ele e os colegas pudessem compreender na prática o que era discutido em aula. Ele, que tinha como objetivo, se referendar na universidade para ter o reconhecimento da sua comunidade ao optar nas decisões, diz que hoje é considerado “um sujeito de estudo”, autorizado, e não mais um indivíduo tido como marginalizado e incomodativo, ao questionar o poder público o que ocorria em seu distrito. “A universidade contribuiu no sentido muito mais de afirmação, de que o que eu falava não tinha peso, foi preciso adentrar uma instituição acadêmica para hoje ser ouvido respeitado, antes era só falácia [no sentido de conversa, de não ter a sua fala reconhecida e autorizada]”.

Filomena acredita que sua passagem pela universidade proporcionou mais do que uma preparação para busca de um emprego. Ela hoje se caracteriza como uma pessoa mais autocrítica, questionadora, com a cabeça mudada e os horizontes ampliados: “Antes eu acreditava em tudo e hoje eu percebo que nada é à toa, que tudo tem um objetivo por detrás... as minhas leituras de mundo se ampliaram mais.” Ela diz que antes achava que todo mundo era bonzinho, que todos queriam um mundo igualitário, mas viu que não é bem assim e que temos que lutar para acabar com as desigualdades. Para ela, a universidade instrui, mostra as coisas, agrega.

Para José,

a universidade proporciona às pessoas a oportunidade de ser despertado na comunidade de que a pessoa está, dentro de uma formação que pode contribuir com a comunidade. Assim como eu, lavrador, pensava que não podia entender McLuhan, Adorno, Stuart Hall, de entender melhor Paulo Freire, Gilberto Freyre e Darcy ribeiro. E poder entender mais... de saber o quanto o Recôncavo carregava a economia e depois foi negada e deixada de lado, de poder ter acesso, saber e compreender. Seja uma discussão em qualquer espaço, concordando ou discordando. Ter e estar na universidade me deu uma noção até de preconceito, de escutar e ter um refletir maior.

Filomena costuma dizer que a universidade a deixou mais ousada, do sentido de ter fundamento, base para lutar pelos seus direitos, poder analisar melhor uma situação, percebendo que existem lados positivos e negativos. Ela teve a oportunidade de conhecer a história do povo brasileiro vista de diferentes ângulos, percebendo os preconceitos e discriminações enraizados. Sobre esse tema, José também comenta que passou a entender o papel do negro dentro do processo civilizatório brasileiro, não apenas com a história vista de cima, citou como exemplo entender o 13 de maio para além da princesa Isabel.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das narrativas apresentadas, podemos observar que tornar-se universitário na vida adulta, especificamente na meia-idade, apresenta uma série de dificuldades, que relacionam-se não somente com o marcador idade/geração, mas também a gênero e suas interseccionalidades. Essas dificuldades foram enfrentadas por ambos os participantes da pesquisa, no entanto, de modos distintos, e foram acompanhadas de aprendizagens significativas, que não podem ser desprezadas, dado o significado que possuem para a auto-estima desses sujeitos e não somente para a melhor qualificação deles para o mundo do trabalho.

Filomena concluiu a graduação em quatro anos na universidade, sendo que o período mínimo para conclusão do Bacharelado Interdisciplinar é de três anos. José está cursando o 7º semestre, ou seja, terminará em três anos e meio. Vê-se, pois, que a difícil conciliação com a vida familiar, as exigências financeiras para manter-se na universidade, o deslocamento e outros fatores discutidos, os empurrou muitas vezes para escolhas que resultaram em um tempo mais prolongado de curso. Ambos cursavam os componentes obrigatórios do semestre, mas não tinham tempo para cursar os componentes optativos e os chamados itinerários formativos, também exigidos como carga horária do curso. O prolongamento de seu período na

universidade foi inevitável, sendo que grande parte dos estudantes mais jovens e que moravam em Santo Amaro, conseguiram terminar em três anos.

As políticas de democratização do acesso ao ensino superior, foram fundamentais para que pessoas como Filomena e José ingressassem na vida acadêmica, isso é incontestável. No entanto, segundo Coulon (2017), “não se pode dizer o mesmo sobre a democratização do acesso ao saber, marcado, ao contrário, pela desigualdade”, desigualdades que nos casos estudados tem muita relação não apenas com gênero e idade/geração, mas também com território de pertencimento, raça/etnia e classe. Não se pode ignorar que os alunos mais jovens também sofrem dificuldades, no entanto, a diferença, em geral, é que a maioria ainda pode contar com o auxílio dos pais, isso não acontece com o adulto que é o maior responsável pela família.

Diante dos estudos de casos, pude perceber que a universidade ainda não está preparada para lidar com esse público, é necessário que haja um apoio por parte da instituição, bolsas e projetos que contemplem esses indivíduos, incentivo à permanência e estímulo para entrada de novos alunos com o mesmo perfil. Quanto à carga horária do curso, alguns componentes poderiam ser ofertados na modalidade EAD – Educação à distância, ou semipresencial, isso reduziria custos, tempo com deslocamento e beneficiaria estudantes como Filomena e José, que teriam acesso ao ensino e melhores condições para conciliar a vida universitária e a vida trabalhista e familiar.

Referências

ANTUNES, P. de C. & SILVA, A.M. **Elementos sobre a concepção da Meia Idade, no processo de envelhecimento humano**. São Paulo, Revista *Kairós Gerontologia*, 16 (5), pp. 123-140, 2013. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/18926/14090>> Acesso em: 01/10/2018.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **Visão antropológica do envelhecimento**. In: Py, Lígia; Freitas, E.V.; Cançado, F.A.X.; Doll, J.; Gorzoni, M.L. Rio de Janeiro (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2ed.: Guanabara Koogan, v. 1, p. 78-82. 2006.

_____. **Revisitando o par relutante**. In: Ivya Alves e Maria de Lourdes Scheffler. (Org.). *Travessias de gênero na perspectiva feminista*. Salvador: NEIM, v. 1, p. 110-125, 2010a. Disponível em: http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/Colecao_bahianas-n12_RI.pdf> Acesso em: 01/10/2018

_____. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. Salvador, Sociedade e Estado (UnB. Impresso), v. 25, p. 00-000, 2010b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/05.pdf>> Acesso em: 02/01/2019.

_____. **As idades da Mulher**. Salvador, Revista Feminismos, v. 1, p. 10, 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/79/77>> Acesso em: 02/01/2019.

COULON, Alain. **A condição do estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio – Salvador: EDUFBA, 268 p. 2008.

_____. **O ofício de estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução de: Ana Maria F. Teixeira – São Paulo: Educação e Pesquisa-FAE/USP: 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v43n4/1517-9702-ep-43-4-1239.pdf>> Acesso em: 02/01/2019

DEBERT, G. G. **Envelhecimento e Curso da Vida**. Revista Estudos Feministas, v. 15, n.1, p. 120-128, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12564/11720>> Acesso: 01/10/2019

_____. **Gênero e Envelhecimento: Os Programas para a Terceira Idade e o Movimento dos Aposentados**. Revista Estudos Feministas, v. 2, n.3, p. 33-51, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16288/14829>> Acesso em: 20/01/2019

HENNING, C. E. **Interseccionalidade e Pensamento Feminista: contribuições históricas e debates contemporâneos**. Revista Mediações (UEL), v. 20, p. 97-128, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900>>. Acesso em: 05/02/2019.

MARTINS, C. B. C. **O Ensino Superior Brasileiro na Década de Noventa: Uma Avaliação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, p. 41-60, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9801.pdf>> Acesso em: 14/11/2018.

OLIVEIRA, N.K de. **Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto**. São Paulo, Educação e Pesquisa, v.30, n.2, p.211-229, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022004000200002&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 01/10/2018

POCAHY, F. A. **A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade**. Porto Alegre, Revista Polis e Psique, v. 1, p. 254-275, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/download/31539/25929>> Acesso em: 08/11/2018

SARDENBERG, Cecília; MACÊDO, M. S. **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema**. In: Ana Alice Alcântara Costa; Alexnaldo Teixeira Rodrigues; Iole Macedo Vanin. Salvador, (Org.). Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais. 2ed.Salvador: UFBA/NEIM, 2011, v. 1, p. 39-58. Acesso em: 15/01/2019.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. Campinas, Estudos de Psicologia

(PUCCAMP. Impresso), v. 25, p. 585-593, 2008. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>> Acesso em 02/02/2019.

SCOTT, Joan. **Gender on the Politics 01 History**. New York: Columbia University Press, 1988 (p.28-50). Publicação em francês: Les Cahiers du Grif. n.37/38. Paris: Editions Tierce, 1988 Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês. Porto Alegre (RS), 1995. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>> Acesso em: 15/01/2019

SOUSA, F.C. **O que é “ser adulto”? As práticas e representações sociais** – A Sociologia do Adulto. Portugal, VI Congresso Portugues de Sociologia. Lisboa, 2007. Disponível em:
Acesso em: 15/01/2019

URPIA, Ana Maria de Oliveira. **Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: narrativas de um *self* participante**. Universidade Federal da Bahia – Salvador, 201.p. 2009. Disponível em: <
https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana_maria_urpia.pdf> Acesso em: 08/01/2019